Mendigos e pedintes retornam às ruas feirenses

18/12/2016

Curtir Compartilhar 0 Tweet

Quem circula pela Feira de Santana vem notando: tem crescido o número de pedintes, mendigos, moradores de rua e outros deserdados pelo centro da cidade. Também vem se ampliando a quantidade de vendedores que circulam pelos ônibus, oferecem seus produtos pelas praças e avenidas ou que tentam arranjar-se como camelôs, confiscando espaços exíguos das vias públicas para exibir seus produtos. Tudo isso se deve à feroz crise econômica que assola os brasileiros há dois anos.

Mulheres maltrapilhas, com crianças de colo, voltaram a se tornar rotina nas portas dos bancos, na frente dos supermercados, na estação rodoviária ou em qualquer ambiente pelo qual circule gente com dinheiro. Sobretudo nesses dias que antecedem o Natal, quando os brasileiros embolsam o aguardado décimo-terceiro salário.

Nos pontos de ônibus os passageiros recorrem a variados contorcionismos para se desviar dos carrinhos-de-mão e dos vendedores que apregoam suas mercadorias aos gritos. Muitos ambulantes embarcam nos ônibus, descrevendo, aos berros, os produtos que oferecem. Nesses dias de calor insano, água e picolés figuram entre os mais populares.

À noite ou aos domingos é possível ver moradores de rua improvisando camas de papelão ali pela avenida Getúlio Vargas, defronte de lojas fechadas pela crise. Dormem sob marquises, catam papelão e lata, criam cães hostis e sorvem generosas doses de aguardente. Alguns conversam enquanto o sono não chega nas inquietas madrugadas feirenses.

Cortes

Nos anos de bonança muitos mantinham empregos modestos ou dedicavam-se a ocupações precárias que traziam alguma renda. Com a crise e o crescimento do contingente de excluídos, inúmeros deles perderam seus recursos e, forçados pela situação, foram viver na rua ou encorpar as fileiras dos autônomos e ambulantes. Tudo isso com elevada precariedade, conforme uma rápida inspeção pode constatar.

Para piorar, o novíssimo regime, instituído a partir da deposição do petismo, orquestrou uma série de investidas conta a assistência social no País. Reduziu o número de beneficiários do Bolsa Família, restringiu o seguro-desemprego e o seguro pago a pescadores, além de desidratar iniciativas que favoreciam a população carente, como o acesso a medicamentos mais baratos nas farmácias populares.

Além de afrontar os mais pobres, o governo demonstra incapacidade de resgatar o Brasil do atoleiro da recessão. Estão aí inúmeros indicadores para atestar. E estão aí as medidas anunciadas essa semana – cosméticas, em alguns casos, e insuficientes, noutros tantos – que não despertaram o entusiasmo, sequer, dos governistas mais exaltados.

Previsões otimistas sinalizam para o fim da recessão somente na segunda metade de 2017. Tomara que estejam corretos. E tomara que o governo atual – irremediavelmente alvejado no quesito ético – não constitua um empecilho adicional. Mas, hoje, tudo indica para o acirramento da crise política, com efeitos nefastos sobre a vida dos brasileiros – e feirenses - mais pobres.

André Pomponet

0 comentários Classificar por Mais antigos

Adicionar um comentário...

Facebook Comments Plugin

LEIA MAIS

André Pomponet
Um sonho para João
23/12/2016

André Pomponet
Plante uma árvore
20/12/2016

André Pomponet
Xamanismo econômico do F
13/12/2016

André Pomponet
O Drama de João
09/12/2016

André Pomponet
"Efeito Trump" eleva preços
natalinos André Pomponet*
25/11/2016

« Anterior Pr

Recuperação da BA 120 entre Conceição do Coité e Riachão do Jacuípe.

CULTURA
Turismo
Teatro
Música
Artes Visuais
Poesia
Literatura

NOTÍCIAS
Política
Economia
Saúde
Religião
História
Educação
Especiais

ENTRETENIMENTO
Eventos
Esporte
Cinema
Humor
Contos e Crônicas

COLUNAS
André Pomponet
Cultura e Lazer
Franklin Maxado
Poucas e Boas
Religião
Caneta Afiada

INICIAL SOBRE ANUNCIE

© Todos os direitos reservad
Email: infocultural@infocult
Painel Administrativo